



## **Quando o mundo se tornou branco: judeus etíopes em Israel**

When the World Became White: Ethiopian Jews in Israel

**Nancy Rozenchan**

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

nrozench@usp.br

**Resumo:** Partir de um país onde a esmagadora imposição religiosa colocou em perigo a sua antiga fé foi uma das etapas na busca de autopreservação a que os judeus etíopes (Beta Israel) tiveram que se submeter. Em Israel, onde se estabeleceram nas últimas décadas do século XX, coube aos etíopes a penosa tarefa de enfrentar a mudança hierárquica pela qual a própria família precisou passar, ao lado das demais diferenças socioeconômico-culturais. E, a todas essas, sobrepôs-se a distinção da cor da pele. Como tais enfrentamentos e adaptações à nova experiência se apresentam na linguagem ousada do conto “Eich shehaolam nihiya lavan” (Quando o mundo se tornou branco), (2013), da coletânea sob o mesmo título de Dália Betolin-Sherman, uma das raras escritoras israelenses de origem etíope, é alvo da abordagem neste texto. É através do olhar da personagem Ester-menina e, depois, adolescente, quando o crescimento é acompanhado pela sensação de estranheza, que se pode seguir a complexidade da experiência no novo país.

**Palavras-chave:** Literatura hebraica. Literatura israelense. Judeus etíopes.

**Abstract:** Departing a country where overwhelming religious imposition endangered their ancient faith was one of the steps in the quest for self-preservation that Ethiopian Jews (Beta Israel) had to submit themselves. In Israel, where they settled in the last decades of the 20th century, Ethiopians had the painful task of envisaging the hierarchical change that the family itself had to go through, alongside the other socioeconomic and cultural differences. And, to all these, the distinction of skin color was superimposed. How such confrontations and adaptations to the new experience are presented in the bold language of the short story “Eich shehaolam nihiya lavan” (When the world became white), (2013) from the collection under the same title by Dalia Betolin-Sherman, - one of the rare Israeli writers of Ethiopian origin, is addressed in this text. It is through the eyes of the character Ester, a girl and later a teenager, when growth is accompanied by a feeling of strangeness, that one can follow the complexity of the experience in the new country.

**Keywords:** Hebrew literature. Israeli literature. Ethiopian Jews.

---

· Professora Sênior de Estudos Judaicos da Universidade de São Paulo.



No princípio criou Deus o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz; e houve luz. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã; esse foi o primeiro dia.<sup>1</sup>

O livro dos livros se inicia com o começo dos começos: a criação do mundo e o princípio da vida. A história é contada duas vezes, de dois pontos de vista diferentes. Em Gênesis 2,7, lemos: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente.”<sup>2</sup> Na primeira vez, a Torá se concentra na criação do próprio mundo e, na segunda vez, se concentra mais na criação da humanidade. A primeira história descreve o mundo como um lugar em que deverão reinar harmonia e ordem. Na segunda narrativa da história, a Torá enfoca o que significa ser humano e como podemos ter relacionamentos com Deus e uns com os outros. O Rabino Jonathan Sacks considera que o principal papel que Deus tem no primeiro capítulo de Gênesis é o de Criador. Assim como Deus é criador, nós também devemos tentar ser. Gênesis 1 nos ensina como sermos criadores: isso consiste em três etapas. O primeiro estágio é dizer “Haja”; o segundo é “E houve” e o terceiro estágio é ver “Que foi bom”. Qual é o propósito de começar a Torá com uma história da criação? A criação em si não é o ponto. Pôr ordem a partir do caos é o ponto. Isto quanto ao universo. E quanto ao homem?

A narrativa de criação no Gênesis é o mito de criação tanto do judaísmo como do cristianismo. O termo mito é utilizado aqui em sentido acadêmico, significando uma história tradicional consistindo em eventos que são ostensivamente históricos, ainda que, em geral, sobrenaturais, explicando as origens de uma prática cultural ou fenômeno natural.

O mundo se recria para muitos e de muitas formas. Que o digam judeus etíopes chegados a Israel no último quartel do século passado, que, em sua terra original, não sabiam que sua cor era um fator definidor e que, no novo país, passaram a ser pretos vivendo entre brancos. Não podendo mudar sua nova realidade, precisaram enxergá-la de outra forma, como o faz a personagem-narradora infantil de *Eich shehaolam*

---

<sup>1</sup> GÊNESIS 1, 1-5. *Tanach menukad Mechon Mamre*. Todas as traduções são nossa.

<sup>2</sup> GÊNESIS 2, 7. *Tanach menukad Mechon Mamre*.



*nihiyá lavan* (Quando o mundo se tornou branco) da autora Dália Betolin-Sherman, lançado em 2013.<sup>3</sup>

Esther, filha de uma família etíope que imigrou para Israel, traz o seu ponto de vista da nova terra da criança à adolescência; seu crescimento é acompanhado por uma aproximação a tudo que lhe causa estranheza. O tom vigente é de surpresa, destemor, encantamento até. Diante das estripulias e traquinagens presentes, a que se somam descrições enxutas e perspicazes, pode o leitor se deleitar com uma narrativa eivada também de cenas cômicas, algumas delas de tom mordaz, se se conhece o cenário israelense. A escrita de Betolin-Sherman é corajosa e um tanto petulante. É uma história israelense e universal de transições argutas entre mundos diferentes, entre o lar e o exterior, entre a Etiópia e Israel, entre o novo e o antigo, entre a escola e o bairro e entre crenças privadas e crenças sociais.

Dália Betolin-Sherman nasceu na Etiópia em 1979. Em 1984, atravessou o Sudão a pé e imigrou para Israel com a família. Ela é graduada em serviço social e escrita criativa pela Universidade de Tel Aviv. Na Etiópia, a família se dedicava à agricultura familiar. Depois de sofrer com a guerra civil e a fome e o longo governo opressor de Haile Selassie, seus pais decidiram imigrar para Israel.

Os diversos escritores israelenses nascidos na Etiópia ou filhos de famílias oriundas daquele país – os Beta Israel – assim como artistas de categorias diversas, de músicos a standapistas, se manifestaram sobre o olhar etíope que lançam sobre a vida em Israel. Almaz Zaru-Yaeli, outra autora nascida na Etiópia e que também chegou a Israel muito jovem, declara: "Tenho vários pares de olhos. Mulher preta, etíope, israelense – tenho muitos ângulos diferentes que posso trazer à tona na minha escrita e outra pessoa não pode."<sup>4</sup> Mas isso não é uma questão de escolha: "Isto está presente na minha escrita mesmo sem eu querer, faz parte da minha identidade, da minha essência. Mesmo que eu tente negá-lo, não consigo escapar, porque está sempre lá."<sup>5</sup> A escrita destas duas romancistas, assim como de diversos outros da mesma origem, não se atêm ao próprio olhar, mas, obviamente, absorve o que se refletiu na sociedade que os acolheu. A cor da pele é apenas o aspecto mais visível.

A hegemonia cultural israelense tem uma história de em fluxo contínuo. No século XV, os judeus da Palestina eram Musta'arabim, culturalmente parte do mundo árabe, enquanto no século XVI eles eram antes de tudo sefarditas. Por volta de 1850, as

---

<sup>3</sup> Aquinhado com o prêmio Ramat Gan 2014 como livro de estreia, e com o Prêmio Ministra da Cultura e Esportes de Israel, em 2015. O título original pode ser igualmente traduzido de modo diverso – *Assim que o mundo se tornou branco*.

<sup>4</sup> PLOTKIN, 11.07.19.

<sup>5</sup> PLOTKIN, 11.07.19



influências asquenazes e europeias estavam começando a ser sentidas dentro da comunidade judaica do país, e em 1950 parecia que a cultura sionista-secular-*tzabarit*<sup>6</sup> (nativa) estava firme e irrevogavelmente no comando. Meio século depois, a cena cultural israelense mudou, e vozes e sons velhos-novos, novos-velhos são cada vez mais proeminentes. As principais fontes para essa mudança foram, e são, tradições e recursos culturais judaicos não-asquenazes, dos judeus oriundos de países árabes e/ou islâmicos, os *mizrachim* (orientais), – sendo trazidos à expressão no Israel contemporâneo por pessoas de uma ampla gama de origens sub-étnicas judaicas, compondo cerca de 50% da população do país. Os cerca de um milhão e 200 mil judeus de origem russa vindos nos últimos cinquenta anos, geralmente laicos, não alteraram significativamente o equilíbrio do espectro cultural. A contribuição do fluxo mais recente, daqueles de origem etíope, pouco numeroso em relação aos mencionados anteriormente, merece avaliações próprias. Hoje, em Israel, eles são 170 mil, mais da metade deles nascida no país. A história contemporânea da comunidade Beta Israel começou com a reunificação da Etiópia em meados do século XIX. Naquela época, a população Beta Israel foi estimada entre 200.000 e 350.000 pessoas.<sup>7</sup>

O livro de Dália Betolin-Sherman contém sete contos; nos deteremos em alguns aspectos do primeiro, que leva o mesmo nome do livro, “Quando o mundo se tornou branco”, de 23 páginas, que expõe o caos do novo habitat, o seu *tohu vabohu vechoshech* – sem forma e vazio e escuro, conforme os termos bíblicos, com as memórias confusas da chegada da menina a Israel:

Quando (como) o mundo ficou branco e as ruas se encheram de gente e havia calçadas e pavimentaram estradas em vez de cinzas e areia. E vimos carros e quase nenhum animal. E mulheres claras andavam de shorts e homens comiam em pé e sacos plásticos eram jogados ou voavam em vez de areia e estava cheio de cheiro de combustível em vez de barulho de moscas. E a casa estava no ar e o bairro era mais do que um prédio e eles vieram e dispersaram os vendedores com placas e juntaram a feira e a cercaram com uma rede e acrescentaram pedras e janelas de vidro e poliram com mármore e recolheram o calor e colocaram dentro com a comida em um ar condicionado gelado e lentamente as chuvas pararam e havia muita comida e arranjaram muitas vagas de estacionamento e

---

<sup>6</sup> *Tsabarit* (hebraico). Derivada da palavra *tsabar*, nome de um fruto espinhento local, é utilizada como epíteto do israelense nativo.

<sup>7</sup> Ramificações do Beta Israel incluem os grupos Beta Abraham e Falash Mura de judeus etíopes que foram convertidos ao cristianismo, alguns dos quais voltaram ao judaísmo.



chamaram o lugar de supermercado, e minha irmã trabalhava lá no caixa em turno noturno na área comercial e eu me sentei e esperei por ela no ponto de ônibus com óculos de sol e não nos vimos e já era muito tarde mesmo quando decidi ir embora sozinha.

Quando o mundo ficou branco ele não era preto porque tinha luz mesmo de noite e não precisava das estrelas.<sup>8</sup>

Vinte e seis dos trinta e dois parágrafos que compõem o conto se iniciam da mesma forma, “quando o mundo se tornou branco”, em uma repetição que abre, cada vez, à visualização de novos aspectos ou à ampliação do que é novo neste mundo, entre fatos, acontecimentos e imagens. São narrados, desde o início, de forma pouco ordenada e um tanto caótica, mas não incompreensível e, posteriormente, ainda na mesma forma, complementam-se para compor o retrato e o modo de conhecer e ser neste universo. O uso da personagem-narradora infantil colabora para que a aparente falta de sequências seja aceita como uma forma de expressão natural dado que a avalanche de novidades ocorre como que de forma simultânea. O antes e o depois saem no mesmo jato da boca da menina. Ela não cria um mundo ao modelo de Gênesis, mas trata de enquadrar no mundo modificado tudo que sua visão e perspicácia são capazes de aprender para tentar entender que esta é a nova existência. Na prática, há pouco de memória aqui; é o leitor que a infere ou percebe nos personagens adultos, e que deve procurar o que houve, diante da apresentação deste novo, o que pode ter existido ou havido antes, já que ele é capaz de discernir entre o que é apresentado e o mundo que conhece, algo de que a narradora está dispensada de fazer. É o presente que importa para ela. A sagaz seleção apresentada pela autora, todavia, consegue dar o devido destaque àquilo que existiu ou aconteceu anteriormente.

Quando o mundo se torna branco, fica evidente que antes não havia ruas cheias, calçadas pavimentadas, havia muitos animais, as mulheres não eram pálidas, não andavam de shorts, os homens não comiam de pé, não havia sacos plásticos voando, nem supermercado, nem ar-condicionado, nem excesso de comida, nem irmã trabalhando no caixa, nem óculos de sol de noite. Não existiam ruas cheias e nem pontos de ônibus.

O início do segundo parágrafo que também começa com “quando o mundo ficou branco ele não era preto porque tinha luz mesmo de noite e não precisava das estrelas” reverte claramente o texto bíblico aprendido da mãe: o mundo não é mais

---

<sup>8</sup> BETOLIN-SHERMAN, 2013, p. 7.



preto, as luzes das ruas e do supermercado substituem as estrelas; ele é mais tangível. Mas é preciso reafirmar que este é agora o mundo em que ela vive.

Em uma era de mudanças dramáticas de grupos étnicos e nações, poucos povos foram tão transformados como os Beta Israel. Até 1977, quase todos eles viviam na Etiópia, onde a sua história se desenvolveu por dois mil anos.<sup>9</sup> Na década de 1980, a maioria deles passou a viver em Israel. Em 1991, a Operação Salomão na prática deu fim à comunidade na Etiópia e, em 1992, virtualmente pareceu que todos eles viviam em Israel.<sup>10</sup> As mudanças sofridas pelos Beta Israel não se limitaram, todavia, à transferência de território: as últimas décadas presenciaram uma redefinição radical tanto de sua autoidentidade como no modo como são percebidos pelos seus novos conterrâneos. Cada um dos nomes usados para designar Beta Israel tem a sua própria história. Na Etiópia, os membros do grupo geralmente se referiram a si próprios como Beta Israel (A casa de Israel) ou, simplesmente Israel. Eram mais amplamente conhecidos como falashas, nome hoje considerado afrontoso por se referir a pessoas sem terra, e preferem ser chamados de judeus etíopes. A principal língua usada para comunicação entre os cidadãos israelenses e entre os etíopes Beta Israel em Israel hoje é o hebraico moderno. A maioria dos imigrantes Beta Israel mais idosos continua a falar em casa com familiares e amigos em amárico (principalmente) e em tigrínia. A língua amárica e a língua tigrínia são grafadas na escrita Ge'ez, também utilizada na Igreja Ortodoxa Etíope Tewahedo.

Como pode a narradora-menina ordenar o mundo que se tornou branco? Cada vivência intensa é registrada em um fragmento de frase que se agrega simultaneamente a muitos outros de campos diversos, sem vírgulas e com poucos pontos. Ainda assim, aquilo que se consideraria denominar de trama, avança. São mais de quatrocentos itens fragmentados, alguns ocupando apenas meia linha. A razão disso? A visão da menina, ante toda novidade, não precisa refletir sobre cada mirada ou aspecto. Basta mencioná-los. Ao mesmo tempo, a menina precisa viver, aprender, ser criança e crescer.

---

<sup>9</sup> De acordo com a tradição etíope, metade da população da Etiópia era judia antes do cristianismo ser proclamado a religião oficial no século IV. Os judeus mantiveram sua independência por mais de mil anos, apesar de contínuos massacres, perseguições religiosas, escravização e conversões forçadas. (ANTONELLI, Judith, 11.02.2010).

<sup>10</sup> Etíopes com alguma vinculação familiar judaica, que não puderam anteriormente se instalar em Israel, aguardam, no presente, uma possível solução para a sua imigração, principalmente por estarem sendo ameaçados no país africano. Cerca de 11 mil etíopes se encontram nessa situação. (HARKOV, Lahav; KLEIN, Zvika, 08.08.2023).



A destacar: temas, motivos, estruturas narrativas, linguagem e discurso, a nova realidade, da infância à adolescência e o seu enfrentamento. As diferenças físicas, culturais e sociais desdobram-se em diversas situações; delas, a mais importante, depois de se descobrir em um mundo que se tornou branco, - e não há outra coisa a fazer, a não ser aceitar um mundo de outro matiz - é a cor da pele, agora um fator distintivo. Israel já tinha enfrentado algo desse caráter com a vinda dos judeus do Iêmen, bem mais morenos que os israelenses nativos ou imigrados da Europa. Em escala diversa, judeus provenientes da Índia também se destacaram sob o mesmo aspecto, mas, sem dúvida, a chegada dos da Etiópia foi um grande fator de diferenciação e de discriminação. É preciso mencionar que a aceitação da vinda daquela população, destinada, no país de origem, a perder a sua identidade pela imposição crescente do cristianismo etíope,<sup>11</sup> não foi fato facilmente acolhido, aprovado e absorvido em Israel. Os judeus da Etiópia, quase totalmente segregados em relação a outras comunidades judaicas, tinham costumes, legados e práticas religiosas totalmente diversos daqueles praticados por judeus de outros países. Quase desconhecidos em Israel, foi só após muita diligência que, em primeiro lugar, as autoridades locais se decidiram a aceitá-los como judeus, em segundo lugar autorizaram a sua entrada e, em terceiro, empenharam-se em concretizá-la, além do complexo tratamento desta emigração com os governos etíopes. A dura jornada da imigração, tão ansiada para poderem praticar livremente o seu credo, e que custou milhares de vidas, não foi um fator facilitador em suas vidas.

A escolha da apresentação do tema da cor da pele por meio do contato entre crianças aponta para o caminho do enfrentamento de igual para igual que predomina no conto; a escolha da autora nos discursos sobre a diferença é regida pelo tom da não-subserviência que expõe a força da contestação da narradora-menina, refletindo os vários aspectos pelos quais etíopes se manifestaram quando de sua absorção no novo país.

A cor distintiva, como ocorreu com milhares de outras crianças, é apontada por uma menina na rua:

uma voz nos interrompeu e ouvimos "negra" ao longe. Do outro lado da rua havia uma menina e minha irmã gritou para ela "eu não sou negra, eu sou marrom", mas a menina se apressou em ir embora e nós corremos atrás dela e a empurramos para o lado, junto à parede e eu firmemente disse a ela para pronunciar a cor certa e não fomos embora até que eu vi seu

---

<sup>11</sup> Até 1959, esta vertente do cristianismo fez parte da igreja copta.



rosto mudar e minha irmã a examinou de perto e gritou "Trapaceira, você não é branca."<sup>12</sup>

Além de mencionar diretamente o que uma criança diz à outra, cabe, à guisa de esclarecimento: a palavra usada, *kushit*, traduzível como "negra", hoje inadequada, mas ainda usada, era comum à língua hebraica até há poucas décadas. Na Bíblia, Kush referia-se provavelmente à região do Sudão. Mais tarde serviu para a população da Etiópia. "Preto" é "*shachor*". "Negra" é uma constatação ou será uma ofensa? Note-se, ainda, que, no revide, ela esclarece a sua cor: marrom. Ao constatar que a menina acuada devia estar ficando sem cor ou vermelha pela situação, a desforra da etíope de declarar que ela não é branca e, além disso, é mentirosa, supõe uma vitória, ainda que sem outras testemunhas.

Todos os períodos do desenvolvimento da cultura judaica, em particular o rabínico, viram-se no dever de entender e interpretar os textos sagrados para as suas gerações e as seguintes e aqui salientamos alguns poucos comentários relativos à criação do homem e à sua cor, que, assim como a criação do mundo, está vinculada ao nosso tema, cooperando, neste caso, com o tom cômico da descrição. Para a criação do homem, como lemos em diversos textos,

God took dust from the site of the Temple (*Sifra*, Kedoshin, 4; *Yerushalmi Nedarim* 9 41c; *Genesis Rabba* 24) and the four parts of the world, mingling it with the water of all the seas, and made him red, black, and white. Rabbi Yochanan<sup>13</sup> interprets Adam's name as being an acrostic of *efer*, *dam*, *mara* (ashes, blood, gall). (*Targum Yerushalmi* to Genesis 2:7; *Pirke de Rabbi Eliezer* 11, 20). Rabbi Meir<sup>14</sup> has the tradition that God made Adam of the dust gathered from the whole world; and Rav<sup>15</sup> says: "His head was made of earth from the Holy Land; his main body, from Babylonia; and the various members from different lands". (*Sotah* 5a)<sup>16</sup>

---

<sup>12</sup> BETOLIN-SHERMAN, 2013, p. 13.

<sup>13</sup> Viveu de 180 a 279.

<sup>14</sup> Um dos *tanaítas* (eruditos do Talmude) da quarta geração (139 a 163).

<sup>15</sup> Viveu de 175 a 247.

<sup>16</sup> Deus tomou o pó do local do Templo (*Sifra*, Kedoshin, 4; *Yerushalmi Nedarim* 9 41c; *Genesis Rabba* 24) e das quatro partes do mundo, misturando-o com a água de todos os mares, e o fez vermelho, preto e branco. Rabi Yochanan interpreta o nome de Adam como sendo um acróstico de *éfer*, *dam*, *mará* (cinzas, sangue, fel). (*Targum Yerushalmi* to Genesis 2:7; *Pirke de Rabbi Eliezer* 11, 20). O rabino Meir preserva a





Em todas as épocas essas interpretações levam à ideia de tolerância, conforme se expressa Carol K. Ingall: “This is a wonderful starting place for lessons of tolerance, for moral messages underscoring our universality”.<sup>17</sup> A repetida interpretação se faz necessária, uma vez que continua a não ser entendida, atendida e assimilada.

As próprias irmãs, com sua sapiência, também travam uma disputa sobre a questão da cor em outro momento da narrativa. Já crescendo e amadurecendo, põem-se a discutir a criação do mundo e sua cor a partir do que aprendiam na escola religiosa que frequentavam, na tentativa de chegar à uma definição própria, como se lê a seguir:

e eu disse à minha irmã que o mundo costumava ser relva grama verde e sementes e ela insistiu que era apenas branco e discutimos sobre as cores e chegamos aos dias da criação misturamos todos os tempos com todas as pessoas, nos tocamos, andamos paramos andamos paramos no final sentamos na beirada da calçada perto da casa de Samy, abrimos o livro e passamos pelos sete dias da criação minha irmã disse que quando se soma todos os dias e quando se aperfeiçoa todas as coisas boas que foram criadas, no final acontece que Deus é branco como um anjo. E eu disse a ela que Ele deveria ser despido e então a gente veria que Ele é feito de mais cores e de repente todo o branco dos olhos dela se expandiu para dentro de mim e ela disse que eu deveria ter vergonha dessas palavras fechou o livro e o recolocou na sacola.<sup>18</sup>

Os rabinos medievais debateram e expressaram as suas opiniões. O mundo contemporâneo que se torna branco também precisa ser entendido. O tema se amplia com diversas cores que surgem esparsas por toda a narrativa de Betolin-Sherman dando uma conformação com tons que se referem a pessoas, moradias, objetos.

O mundo passa a ser branco para as meninas, mas o preto não deixa de existir e se intercala com o branco, como ouvem a mãe explicar para a avó, “que o mundo não é preto nem branco mas algo cinzento”<sup>19</sup> e pareceu que a avó entendeu. Mãe e avó têm

---

tradição de que Deus fez Adão do pó recolhido do mundo inteiro; e Rav diz: “Sua cabeça era feita de terra da Terra Santa; a parte principal do corpo, da Babilônia; e os diversos membros de diferentes terras”. (Sotah 5a).

<sup>17</sup> “Este é um ponto de partida maravilhoso para lições de tolerância, para mensagens morais que destacam nossa universalidade.” INGALL, Carol K..

<sup>18</sup> BETOLIN-SHERMAN, 2013, p. 13-14.

<sup>19</sup> BETOLIN-SHERMAN, 2013, p. 17.



as suas dificuldades, a mãe preferia ter ido para os Estados Unidos, assim como o avô, enquanto para a avó, por sua vez, importa não querer mais viver com o avô. O nem preto e nem branco são os tons de sua vida em Israel: a difícil aceitação de que são judeus, a inevitável transição para o ser judeu em Israel, a discriminação também por conta da cultura, das línguas diversas que utilizavam, a consequente difícil ascensão social e econômica, a contínua diferenciação por causa da cor. Para as meninas, graças às brincadeiras, isso se define em procurar e jogar com o que estava pintado nas duas cores na calçada, o jogo de damas no sábado, as faixas de travessia na rua (em hebraico, pelo formato, denominadas de “zebra”), atividade que elas denominam de “descer para a África”.<sup>20</sup> Transformar o preto e o branco em temas jogos e brincadeiras – praticados por crianças em qualquer país – contribui, de certa forma, até para deslegitimar a importância da atribuição do caráter baseado nas cores dos seres humanos. As duas cores estarão sempre presentes na calçada, na faixa de travessia, no jogo de damas e na população.

O tom de jogo infantil contrasta com a rudeza de várias outras situações, todas vinculadas à nova identidade e seu aprendizado. O que responder quando operários árabes lhes perguntam se elas são muçulmanas?, por que são judias?, se foram obrigadas a isso?.

Foi Moacyr Scliar que, atento ao sofrimento de imigrantes, definiu: “O imigrante é uma pessoa que obedece – o mais das vezes a contragosto – ao chamado/ordem de Jeová a Abraão: ‘Sai de tua terra’. É em busca da Terra Prometida que ele vai, mas ao fazê-lo paga o preço do desenraizamento e da frustração”.<sup>21</sup> Todavia, a imigração dos etíopes destoa provavelmente do que ocorreu com qualquer grupo que trocou a terra natal por outra. O desenraizamento foi ansiado, o amor a Sião se sobrepunha a tudo e, quanto às frustrações, sofridas mormente pelos de mais idade, elas tenderam a ser sobrepostas pela nova vivência dos mais jovens, que cumpriram importante papel na forja de nova identidade. A busca da Terra Prometida mencionada por Scliar se encaixa também aqui.

A inevitável mudança de costumes, dolorosa, incompreendida, é tema recorrente em imigração e o destacamos aqui. É com naturalidade que a narradora descreve avô e avó e o afeto e o bom trato que eles mantêm para com as meninas. E é com semcerimônia que são expostas as dissensões entre os idosos. Situações bastante improváveis no país de origem, com maior rigidez nos laços familiares, têm em Israel traços de humor: há citações de frases e acusações que ele ou ela pronunciam, o que não significa que um falasse com o outro, descrições dos dois falando ao mesmo tempo como na televisão quando vão girando os canais, a ira da avó que atira pela

---

<sup>20</sup> BETOLIN-SHERMAN, 2013, p. 17.

<sup>21</sup> SCLIAR, 1997-1998, p. 137.



janela as roupas do marido, a corrida das meninas para apanharem as roupas em baixo e, trazê-las de volta, a tentativa da responsável pela hospedaria de apaziguá-los, a funcionária que fala de “dignidade humana”, que nenhum dos dois e nem seus filhos parecem entender, conforme exposto pela narradora, que obviamente não sabe o que isso significa, e que acaba por ser tomada pela curiosidade quanto ao bloco de anotações amarelo e à caneta azul e àquilo que estava sendo anotado ali pela funcionária. As linguagens dela, falada e escrita, da “dignidade humana” ao bloco amarelo, impenetráveis aos olhos dos etíopes, apontam para a distância entre imigrados e receptores.

Para a evocação das memórias, algo de que a história dos judeus etíopes é farta, a autora lança mão de artifícios diversos ao mesmo tempo em que as confronta com o presente. Às medalhas do avô do antigo país soma-se o orgulho de proclamar seu nome antigo/novo. O avô, que gostava de se galhardear vestido com o terno completo, calça, colete e paletó, chapéu, o peito coberto de medalhas, a bengala cor de cereja, fazia questão de proclamar o seu nome: “Eu sou Israel”. Não, ele não é simplesmente “Israel”. Falava em voz alta, se apresentava e dizia a todos como se chamava: “Me chamo Israel, eu sou Israel”<sup>22</sup>. O novo país é a sua identidade. Ao nome, acrescentava os documentos que o faziam ser um israelense orgulhoso de sua nacionalidade:

o avô se arrumou, aprumou-se, tirou do paletó as folhas azul-brancas do seguro nacional, tirou as folhas do serviço de saúde, segurou-as com força e sem piedade e disse que ele, Israel, viverá para sempre. “Eu sou Israel” ele levantou a mão e acenou com as páginas e rapidamente substituiu a vovó pelo Estado e disse que ao contrário dela, ele [o Estado] cuida dele pessoalmente.<sup>23</sup>

O traçado identitário do avô e da avó, que retorna por diversas vezes na narrativa, expondo cada um deles apegado à sua nova postura, é dos pontos tocantes do conto. A avó, analfabeta, é também consciente de sua vida, não se deixa dobrar. Quando o mundo se tornou branco, ela passou a odiar o avô: “e não tinha medo de dizer isso na cara dele em todas as oportunidades.”<sup>24</sup> Aparentemente, tal manifestação seria inimaginável na Etiópia.

A postura da avó, assim como a da filha e das meninas, e a ideia de libertação constituem a nova posição feminina/feminista que se infiltrou nas famílias etíopes,

---

<sup>22</sup> BETOLIN-SHERMAN, 2013, p. 20.

<sup>23</sup> BETOLIN-SHERMAN, 2013, p. 14.

<sup>24</sup> BETOLIN-SHERMAN, 2013, p. 13.



não praticada no país de origem. Em outro parágrafo iniciado com “quando o mundo se tornou branco”, informa-se que a mãe foi ao ginecologista e passou a tomar pílulas e disse que as meninas lhe bastavam. A mãe diverge do avô e diz que não bate nas filhas porque isso fere a moral da criança. A mãe sai para trabalhar. A par do direito de contestação da vivência anterior, acresce-se a liberdade de optar pelos novos conceitos recém adquiridos. Como nos demais temas pertinentes aos adultos, a narrativa nada mais acrescenta pois nada mais precisa ser dito ou comentado.

Quanto à aparência, são as meninas que tomam a iniciativa e decisões. Dirigem-se ao bairro onde vivem refugiados sudaneses e, com o dinheiro ganho como baby-sitters, vão a um salão de alisamento de cabelo. Não param por aí: trazem apliques cacheados marrons para a mãe, e elas próprias lhe fazem o penteado dreadlock. Na vez seguinte, já trazem aplique de cabelo natural. O pai - que reclama em vão dos cheiros dos produtos usados para o trato dos cabelos -, e o tio que convive com elas pouco representam neste universo, são supérfluos.

O avô, por sua vez, escapa à nulificação; ao contrário, destaca-se proclamando a sua escolha e a sua identidade. Para a narradora isto se expressou no traje, nas medalhas, na sua fala, nas suas preferências, mesmo que sem sentido prático ou passíveis de concretização, transmitidas de forma singela nas cenas cômicas diante da televisão: “o avô amava os Estados Unidos e os denominava, assim como o que mostravam de lá, de Coca-Cola. Às vezes se perfilava pelos Estados Unidos e bradava ‘Coca-Cola’ e se sentava de volta.”<sup>25</sup>

As óbvias diferenças culturais em Israel contemporâneo contemplam outra cena com destaque da identidade no encontro do avô com a vizinha Berta, a vizinha do sobrenome mais longo, segundo definição da narradora, do que se pode inferir que provavelmente é asquenaze, de origem russa, que não se sabe se fala hebraico. O etíope também não fala a língua do país. Engalanado, ele aponta as suas medalhas e diz “Mussolini”, a o que ela se apressa em trazer uma farda que a esconde totalmente, por ela ter baixa estatura, e aponta as placas de metal presas em uma fita colorida e diz, em hebraico, “Marido...”<sup>26</sup> Heroísmo digno de louvor em ambas as partes pelo que representaram no passado, mas totalmente desvinculado da vida no país e seus feitos gloriosos, é, todavia, tanto pelos elementos visuais expostos, como pela linguagem de signos e de palavras únicas utilizadas, - conversa entre medalhas -

---

<sup>25</sup> BETOLIN-SHERMAN, 2013, p. 20.

<sup>26</sup> BETOLIN-SHERMAN, 2013, p. 20.



além da cena circense da figura da mulher que some atrás da farda, um dos auges da comicidade da obra.

As práticas judaicas firmemente seguidas pelos judeus etíopes em seu país de origem diferiam totalmente daquelas exercidas por qualquer outra comunidade judaica em Israel ou em outros países.<sup>27</sup> A forçada transição para as práticas no novo país, principalmente as religiosas, foram alvo de intensa atuação sobre os imigrantes, em especial no campo escolar. Em geral, estudantes foram encaminhados para escolas religiosas, onde a diversidade em relação aos costumes da Etiópia deveria ser apagada e substituída por um padrão religioso vigente segundo o ramo governamental que se dedicava ao acolhimento dos etíopes, uma medida que, de certo modo, lhes autenticaria o perfil judaico. As meninas pedem aos pais que as mudem de escola, pois se sentem tolhidas pelo excesso do rigor religioso, personificada na roupa e comportamento austeros da professora, que as sufocavam, além dos próprios textos da Torá.

Um dos traços importantes do comportamento religioso dos judeus na Etiópia foi o fato de serem conduzidos por sacerdotes e não por rabinos. Diversamente da imposição na educação religiosa às crianças em Israel, e do forte legado trazido da Etiópia no mundo que se tornou branco, o avô se despe da tradição e trata os hábitos religiosos com desassombro. Sua ida eventual à sinagoga serve para admirar os lustres, os enfeites brilhantes, o burburinho do público, as pessoas se balançando ao rezar enquanto balbuciam; gostava que lhe dessem um lugar junto ao chantre, de ouvi-lo, de ver como se esforçava para tocar o *shofar*,<sup>28</sup> e, principalmente gostava de se apresentar. E, quando voltava para casa, ria longamente do fato de que há gente que ainda crê. Nesta linha de comportamento, ligava a televisão no shabat no mais alto volume, enquanto a avó cobria o rosto com o lenço em uma atitude ineficaz para não ouvir o que os vizinhos comentavam a seu respeito, com o marido profanando o dia sagrado do descanso.

E foi a tarde e a manhã; esse foi o primeiro dia.”. *Vayehi érev vayehi bôker yom Rishon*.<sup>29</sup> Como foi o primeiro dia? “Quando o mundo se tornou branco”, que se iniciou com a

---

<sup>27</sup> Os judeus etíopes eram originalmente seguidores da Bíblia. Eles conheciam a Torá (Lei Escrita), mas não o Talmude (Lei Oral). Não tinham conhecimento ou feriados judaicos pós-bíblicos, nem das interpretações pós-bíblicas da Lei. Mantêm ainda hoje o dia do Sigd - um feriado oficial -, de renovação da aliança entre o povo judeu, Deus e Sua Torá. (GONCHEL, 31.01.2023)

<sup>28</sup> Chifre de carneiro que é tocado nas celebrações do ano novo judaico e do Dia da Expição.

<sup>29</sup> Gênesis 1,1-5. *Tanach menukad Mechon Mamre*.



noite, encerra-se com o dia, aquele em que conheceram o avô, subiram pela primeira vez ao seu apartamento no sétimo andar (sétimo dia da criação?), andares contados um a um, viram os seus olhos, com e sem óculos, seu riso incrível – um riso que não é dessa vida – *tsechok lo mehachaim* –, aprenderam seu modo de ver e viver no mundo que se tornou branco, refestelaram-se em sua cama, e viram que ali havia mais luz, luz brilhante de um primeiro dia. A alegria das meninas diante de tudo o que lhes parece bom não tem limite. Não mais a noite escura. Mesmo o desejo não manifestado na entrada para o novo mundo é auspicioso: “naquele dia quis dizer para minha irmã vamos acreditar no sol mesmo que seja idolatria”. Idolatria, em hebraico é *avodat cochavim*, adoração das estrelas.<sup>30</sup> Quanto importa o modo de crer? Importa usufruir. Conforme instruiu o Rabino Sacks, “Haja”, “E houve” e conferir “Que foi bom”.

## Referências

ANTONELLI, Judith. The Plight of Ethiopian Jews. *Cultural Survival*. 11/02/2010. Disponível em <https://www.culturalsurvival.org/publications/cultural-survival-quarterly/plight-ethiopian-jews> Acesso em: 13 jan. 2023.

BETOLIN-SHERMAN, Dalia. *Êich shehaolam nihiya lavan*. (Quando o mundo se tornou branco). Or Yehuda, Kinneret, Zmora-Bitan, Dvir. 2013.

GONCHEL, Yaacov. Ethiopian Jews and Their Sacred Scripture. *Tablet*. 31.01. 2023. Disponível em <https://www.tabletmag.com/sections/history/articles/ethiopian-jews-sacred-scripture>. Acesso em: 13 jan. 2023.

HARKOV, Lahav & KLEIN, Zvika. 11,000 trapped Jewish descendants in Ethiopia await rescue. *The Jerusalem Post* 08.08.2023. Disponível em [https://www.jpost.com/breaking-news/article-754057?utm\\_source=ActiveCampaign&utm\\_medium=email&utm\\_content=11%2C000+Ethiopian+Jewish+descendants+in+need+of+rescue&utm\\_campaign=August+8%2C+2023+2](https://www.jpost.com/breaking-news/article-754057?utm_source=ActiveCampaign&utm_medium=email&utm_content=11%2C000+Ethiopian+Jewish+descendants+in+need+of+rescue&utm_campaign=August+8%2C+2023+2). Acesso em: 13 jan. 2023.

INGALL, Carol K. The wisdom of creation. A Jewish perspective. *The Way*. p. 26. Disponível em <https://www.theway.org.uk/back/s097ingall.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2023.

PLOTKIN, Yuval. Mechaat haedá haetiópit mitrachévet gam leolam hassifrut. (O protesto da comunidade etíope estende-se também ao universo da literatura). *Ynet* 11.07.19. Disponível em <https://www.ynet.co.il/articles/0,7340,L-5548219,00.html> Acesso em: 13 jan. 2023.

---

<sup>30</sup> BETOLIN-SHERMAN, 2013, p. 32.



SACKS, Jonathan. *Convenio y conversación. Edición familiar*. Parshat bereisht en resumidas cuentas. 2018. Disponível em [https://media.rabbisacks.org/20210706224135/SPANISH-Familia-Bereshit-5779-2.pdf?\\_gl=1\\*1h4ws3u\\*\\_ga\\*NTI5NjU1OTU0LjE2ODE2OTQ2Mjg.\\*\\_ga\\_DQPY67KGVV\\*MTY4MTg1NzQzMC4yLjAuMTY4MTg1NzQzMS41OS4wLjA](https://media.rabbisacks.org/20210706224135/SPANISH-Familia-Bereshit-5779-2.pdf?_gl=1*1h4ws3u*_ga*NTI5NjU1OTU0LjE2ODE2OTQ2Mjg.*_ga_DQPY67KGVV*MTY4MTg1NzQzMC4yLjAuMTY4MTg1NzQzMS41OS4wLjA). Acesso em: 13 jan. 2023.

SCLIAR, Moacyr. Sonho em movimento: a imagem do imigrante na literatura brasileira. *Revista da USP*, São Paulo (36) 136-139. Dez, fev. 1997-98. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26992>. Acesso em: 13 jan. 2023.

*Tanach menukad Mechon Mamre*. Disponível em <https://mechon-mamre.org/i/t/t0101.htm>. Acesso em: 13 jan. 2023.

Genesis creation narrative. *Wikipedia*. Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Genesis\\_creation\\_narrative](https://en.wikipedia.org/wiki/Genesis_creation_narrative). Acesso em: 13 jan. 2023.

-----

Recebido em: 13/06/2023.

Aprovado em: 12/07/2023.